

# É necessário tirar alguns gessos da economia do País

GAZETA MERCANTIL

7 MAI 1990

Júlio Darvas\*

Passados os primeiros quatro dias do choque anestésico aplicado na economia, na tentativa de



quebrar a espinha dorsal da inflação, começa a hora de deixar o paciente, mesmo cambaleante, voltar a caminhar. O choque foi duríssimo. Pelas cifras oficiais, foram engessados — por 18 mais 12 meses — o equivalente a 4/5 do valor do PIB. Tirar ou retirar algo de tamanha monta de qualquer organismo não só o imobiliza mas o debilita violentamente. Mexeu-se, a um só tempo, na caixa do empresário e na bolsa da dona-de-casa. Não está mais na hora de discutir como é que deveria ser feito. Até o Poder Legislativo acabou sendo obrigado, por falta de alternativa, a transformar em lei as principais medidas provisórias. Falta aos órgãos legislativos assessoria e visão das questões econômicas.

Prevalecem, ainda, as reações de natureza política, mostrando a fraqueza e o distanciamento das lideranças partidárias. As entidades representativas, tanto patronais como de trabalhadores, acabaram sendo apanhadas de sopetão — uma vez no pleito eleitoral, nos finais do ano passado, e, principalmente agora, neste decisivo 16 de março — diante do plano autodenominado Brasil Novo. Em poucos anos, de 1980 para cá, estamos experimentando os mais diferentes tipos de choque, ao lado das tentativas de abertura econômica e suas sucessivas brechadas, com hiatos de ex-

pansão e de contração, sob o signo e na espreita do monstro inflacionário.

Olhando um pouco para trás, para procurar entender o que hoje se passa, verifica-se que em 1930 o Brasil tinha somente 35 milhões de habitantes. Quando da posse de Jânio Quadros e da inauguração de Brasília, éramos ainda 70 milhões. Hoje, ao ingressarmos nos anos 90, somos este país colossal — de quase 150 milhões. País grande e numeroso, mas ainda uma nação no início de sua emergente formação. Há quatro ou cinco décadas, a nossa população, e, em consequência, a produção eram meramente agrícolas.

As palavras e as próprias realidades do que hoje significa empresa, empresário, trabalhador só ingressaram no nosso vocabulário nos últimos trinta anos e, notadamente, de 1975 para cá. Foi também uma crise, a da energia, que alterou muito a economia mundial, com o surgimento dos petrodólares.

Em termos brasileiros, saímos dos anos 30 do lampião a gás para a eletricidade — e desta em 1970 para a era eletrônica, tudo em poucos anos, e com escassa base empresarial. Ingressamos ainda no meio de uma geração no mundo da informática. Convivem, assim, neste Brasil imenso verdadeiros países em estágios absolutamente diferentes. Uns beirando 25 a 30% da população que podem aceitar os difíceis desafios de modernização técnica e tecnológica dos anos 90. Mas boa parte da população, dos empreendimentos e das empresas está, ainda, nos estágios dos anos 60. A grande e imensa maioria, vivendo nos subúrbios e nas favelas das grandes cidades e nos rin-

cões quase inatingíveis pela economia formal, na verdade não vive — apenas, milagrosamente, sobrevive. Esse é o retrato real, que as eleições presidenciais recém-travadas revelaram. O Estado, mesmo cortando todas as mordomias e gastos desnecessários — tendo crescido gigantescamente —, entrou em violento déficit operacional. O aparelhamento do Estado, a mentalidade autoritária e burocrática e a noção intervencionista na economia redundaram nos sucessivos e crescentes surtos inflacionários. Eles estão embutidos sobretudo na insuficiente produção, na falta de variedade e opções de escolha e na total desmotivação pela produtividade. As empresas estavam sendo movidas pela simples capacidade de imprimir suas novas listas de preço, mensais, quinzenais e depois semanais. O corte

abrupto do processo monetarista está carecendo com extrema urgência de uma política de modernização empresarial, que atenda à nossa realidade. Faltou-nos capital, houve pouco estímulo ao investimento produtivo e só tivemos especulação financeira em lugar de capital de giro. As instituições financeiras, desocupadas de administração do over, poderiam voltar às suas funções originais. Associá-las aos setores de produção e vendas, com instrumentos e linhas de crédito correspondentes. São as torneiras naturais da economia, único meio capaz de amolecer e quebrar tanto gesso. Só assim teremos, de fato, o prometido e desejado Brasil Novo. O da iniciativa privada.

\* Administrador especializado em marketing empresarial e político.